

# Patrimônio Cultural de Pernambuco



Altar Mor

principal, a bela imagem de Nossa Senhora da Conceição, esta do Arco da Conceição.

A Madre de Deus é obra de um devotado português, emigrado para as terras do Brasil, um humilde mestre pedreiro que, no período de 1671 a 1701, ascendeu, como nota o historiador José Antônio Gonçalves de Mello, em sua monografia Antônio Fernandes de Matos, "social e economicamente a contratador de obras públicas, a arrematador da cobrança de impostos, a capitão de uma fortaleza que construiu às suas custas e ofereceu ao Rei, a comerciante de sobrado a capitalista entre os homens de negócios do Recife; construtor de várias igrejas e benemérito de algumas associações religiosas da então vila". Antônio Fernandes de Matos não só construiu a Igreja da Madre de Deus como concorreu com fartas doações para compra de material e pagamento de mão-de-obra. A 10 de agosto de 1687 doava aos Padres da Congregação de São Felipe Neri a importância de oito mil cruzados, além de vários terrenos e três casas.

Ocorreu o lançamento da pedra fundamental da Igreja da Madre de Deus em 16 de julho de 1706, tendo sido rezada a primeira missa em 19 de abril de 1715. Entregue ao culto, terminada toda a sua construção, em 24 de março de 1720, Domingo de Ramos.

A Igreja da Madre de Deus, erguida no sítio onde existiu uma pequena igreja, de taipa, dos Padres da Congregação de São Felipe Neri, é um magnífico templo - "uma grande e bela Igreja", com "um dos interiores mais nobres do Brasil", segundo Germain Bazin.

O frontispício é de imponente feição, com predominância da linha horizontal, o que dá uma forte impressão de equilíbrio e solidez. As portas e janelas são enquadradas por pilstras e cunhais, possuindo vergas retas. A igreja da Madre de Deus apresenta uma ampla nave, com corredores laterais, tendo, ainda, púlpitos e tribunas. Em a Nave existem três altares de cada lado e mais dois ladeando o arco cruzeiro, tudo denunciando forte influência neoclássica. O Altar-Mor é encimado por várias cabeças de anjos barrocos. Era, outrora, inteiramente recoberto de talha dourada e pintada, no estilo de D. João V. A Sacristia, que fica localizada por trás da Capela-Mor, possui notável e suntuoso lavabo, de mármore de Estremoz, combinado com mármore de cor e um amplo e belo arcaz de jacarandá. Entre outras preciosidades existia, na Igreja, uma imagem da Virgem Maria, destruída pelo fogo, como a valiosa imagem de São Pedro Gonçalves - o San Telmo, transferido do Altar-Mor da Matriz do Corpo Santo. Há ainda a assinalar, entre outros elementos de rara beleza, o Coro, com elementos dourados. Num dos altares laterais vê-se a magnífica imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens, que apresenta a

## CONCATEDRAL DA MADRE DE DEUS

Naquele tão recuado tempo, o Recife era, apenas, algumas casas e armazéns em que se "agasalhavam os açúcares", ocupando uma pequena extensão, em frente ao estreito ancoradouro, limitado pelos arrecifes de arenito. Apenas, entre essas casas mal construídas, erguia-se uma pequena ermida, sob a invocação de um santo querido de pescadores e gentes do mar - o San Telmo, pois de pescadores e gente do mar eram os habitantes da estreita faixa de terra que limitava, ao sul, o istmo de Olinda, alvorçados, apenas, quando um veleiro surgia no horizonte, caturrando rumo à Barra Grande, que franqueava o ancoradouro.

Era a Ribeira Marinha dos Arrecifes, mistura de porto e povoação, com a sua pequena multidão. Os dois elementos, o terrestre e o marítimo, entrelaçavam-se, não se notando características marcantes para um ou

para outro. Só mais tarde, quando foram povoadas as terras do outro lado do rio, quando se estenderam as atividades até Olinda, é que começou a diferenciação entre a antiga Ribeira Marinha e as terras a Oeste e ao Norte, onde a presença de Olinda começava a tentar as gentes de maiores posses. Ficava no Recife, o pessoal marítimo, os mercadores. Começava-se a dar as costas ao Porto, ontem como hoje, um servo obscuro da cidade.

Nesse velho Recife, logo se manifestou nitidamente a fé de seus humildes habitantes, com a presença da Ermida de San Telmo. Mais tarde, com a Igreja do Pilar, erguida em 1680, por João do Rêgo Barros, sobre ruínas do Forte de São Jorge; com a Capela de Nossa Senhora dos Canoieiros, e, mais tarde, com a rica Matriz do Corpo Santo, que os engenheiros de credo positivista, construtores do Porto do Recife, demoliram

barbaricamente, no interesse de obras urbanísticas, no bairro do Recife, como demoliram, também, o Arco da Conceição, de 1643; os prédios da Associação Comercial, da Praticagem da Barra, outros edifícios de interesse senão artístico, mas histórico, tudo para a abertura de pretenciosas avenidas.

A Matriz do Corpo Santo - transformada em templo luterano durante a ocupação holandesa - datava de meados do século XVII e era a igreja paroquial do bairro do Recife, naquela época como hoje, bairro essencialmente comercial. Com a derrubada do velho templo, a Igreja da Madre de Deus passou a ser a sede paroquial do bairro, elevada a Matriz. Para a Madre de Deus foi muita coisa da Matriz do Corpo Santo; fragmentos, os nichos com as relíquias de São Teodoro, de São Primitivo, a imagem de São Pedro Gonçalves - San Telmo do altar

Ae-374022  
200-1  
8950 307

particularidade de estar assinada pelo seu autor, o pernambucano Manoel da Silva Amorim, em princípios do século XIX. No altar situado ao lado do arco cruzeiro, à esquerda de quem olha para o altar-mor, encontra-se a bela imagem do Senhor dos Passos, — também da autoria de Manoel da Silva Amorim — que todos os anos percorre ruas da cidade, na chamada procissão dos Passos.

Em maio de 1971, um incêndio destruiu as partes superiores do Altar-Mor e o forro entalhado, em abóbada de aresta. A preciosa imagem de São Pedro Gonçalves foi, com outras valiosas imagens, destruída pelo fogo; pouco restou das cinzas. Toda a talha da área central, desde o tímpano da arcada superior, suportadas por colunas salomônicas, onde havia a representação do cálice e da hóstia consagrada, até o trono e a própria estrutura de apoio, bem como os quadros ali existentes, como adorno das paredes laterais tudo foi severamente danificado pelo fogo; encontram-se, agora, sob os cuidados da restauradora Lúcia Carneiro, desafiando a competência da técnica, pelo péssimo estado em que se encontram; a recuperação será, na verdade, parcial, isto porque há painéis totalmente estragados pelo fogo.

Notável, sob todos os aspectos, o trabalho realizado pelos técnicos da Representação Regional — sobretudo Antônio de Menezes e Cruz e Rosália Menezes — no sentido de obterem elementos com que se processasse a restauração das peças carbonizadas. Com base em fotografias 30 x 40 cm, cobrindo todo o retábulo, foram desenhadas, na sede, em tamanho natural, as peças a serem entalhadas na oficina. Depois de esgotante trabalho, realizado com extraordinária meticulosidade, o material levantado passou às mãos de operários especializados que, pelo melhor, executaram o difícil trabalho. É justo citar, aqui, os seus nomes: José Honório dos Passos, mestre que colaborou, também, em grande parte, no preparo dos desenhos, Aluísio, Rubem Bernardino da Silva, Ubirajara Damásio, João Faustino da Silva, entalhadores; Genaldo e Gerivaldo Bernardino da Silva, aprendizes de entalhador. Uma referência

especial a José Maria Figueiredo, que deu o melhor de sua inteligência e de sua habilidade, na solução de vários problemas.

Ainda a propósito do incêndio, é de inteira justiça uma referência à Associação Comercial de Pernambuco, que, pelo seu presidente, o saudoso Oscar Amorim, promoveu uma campanha no sentido da arrecadação de fundos com que auxiliar a realização de obras de restauração do altar-mor, tão danificado pelo incêndio. O apelo do presidente logrou ressonância entre as grandes e pequenas firmas, tanto no bairro do Recife, como na cidade, em geral tendo sido recolhida a importância de Cr\$ 50.000,00, equivalente, hoje, a Cr\$ 5.000.000,00.

O incêndio ocorreu no ano de 1971 — às nove horas do dia 21 de maio — e, rapidamente, o fogo consumiu toda a talha. Acreditava-se que o incêndio tenha sido provocado por deficiência de isolamento, não na instalação elétrica do templo, mas numa rede suplementar, composta de lâmpadas pequenas, montadas sobre condutores móveis e ligados diretamente ao quadro geral. No momento em que era experimentada essa rede, destinada a ornamentar o altar-mor para um casamento, uma faísca deve ter provocado o incêndio.

A Igreja da Madre de Deus acaba de sofrer amplo trabalho de restauração, pois eram lamentáveis as suas condições de conservação.

Coube à 4ª Representação Regional da SPHAN/PRO-MEMÓRIA realizar obras por administração direta, conduzidas pelo técnico em Conservação e Restauração, José Ferrão Castelo Branco, as quais, tendo sido iniciadas em julho de 1983, chegaram, agora, ao seu término.

Foram necessários vários trabalhos, de grande amplitude, visando a recomposição do ambiente em seu aspecto primitivo, no sentido de não se fugir às linhas essenciais dos diversos detalhes.

Não houve, na verdade, uma parte do templo, um aspecto particular, que não houvesse sofrido reparo ou restauro.

As fachadas, onde existiam cunhais e alto relevo, revestidos de pó de pedra por ocasião da última reforma

por que passou o edifício, em 1931, encontravam-se totalmente cobertas de fuligem desprendida pelos navios que frequentam o Porto do Recife. Todas foram devidamente restauradas, lavadas e pintadas, o mesmo acontecendo com as portas e janelas da fachada principal e lateral. As portas e janelas, como o Lanterim, e os óculos da Capela-Mor, receberam novos vidros, num total de 684 unidades, fixadas com massa preparada no próprio canteiro da obra.

Tornou-se necessária a confecção de 15 grades metálicas, à vista do precário estado em que se encontravam. 989 metros quadrados de cobertura da Nave, Consistório, Galerias, Casa Paroquial sofreram total restauração. No forro da Nave e nas ilhargas existem 26 painéis de tela, de tal modo cobertos de fuligem que se tornou urgente limpá-los e aplicar verniz de proteção especial. Restaurou-se o forro da Nave, que é confeccionado de gesso, com ornatos, numa área de 884 metros quadrados. O Lanterim teve a sua estrutura substituída, em grande parte, empregando-se 14 metros de lançol de cobre, com 60 centímetros de largura, para revestimento da borda sobre o telhado. Ainda na restauração da Capela-Mor, empregaram-se parafusos metálicos, confeccionados no canteiro da obra, em vários tamanhos, para sustentação das grandes peças entalhadas. Amplo trabalho foi realizado no salão do Consistório, com a remoção de três peças de 10 metros de comprimento, quando se verificou que o grande forro em caixotes da Sacristia encontrava-se preso, apenas, por simples tiras de táboas, o que exigiu fosse inteiramente atirantado, utilizando-se varões de latão e cantoneiras de ferro galvanizado; o assoalho, com 176 metros quadrados, foi totalmente removido e reassentado.

Existindo em a Nave uma grade de madeira, que delimitava a coxia, foi resolvida a sua remoção, para maior amplitude da área, quando se verificou a existência de um bocel de arnito, também delimitando a área; os altarezes laterais foram, assim, perfeitamente integrados à Nave.

Verificou-se a necessidade de que fossem encaixadas 10 tesouras das

galerias, com o emprego de cantoneiras tipo L e braçadeiras de ferro; em uma das tesouras, com 12 metros acima do piso da Nave, cuja linha baixa mede 12,50 metros, foram aplicados tensores para as extremidades das ansas.

Outros serviços realizados: restauração dos sete sinos, nos dois campanários, que voltaram a funcionar depois de várias dezenas de anos de silêncio; construção de nova rede de energia elétrica — realizada com a previsão de maior segurança contra incêndios, incluindo a restauração das luminárias metálicas; instalação hidro-sanitárias; limpeza do piso de mármore do sub-Coro, Capela-Mor, devidamente polido, numa área de 267 metros quadrados; reparação e polimento de 200 metros quadrados de taco, na Sacristia, Galerias Superiores, Coro e Casa Paroquial, numa área de 831 metros quadrados; confecção de 10 luminárias móveis para iluminação do forro da Sacristia; reparo de todas as descidas de águas pluviais, com remoção da parte sob as calçadas, de pedra de Liós, para remoção das peças danificadas; restauração de todos os bancos de madeira; restauro de quatro Retábulos rasos, nas ilhargas, lado do Evangelho e lado da Epístola; aplicação de novo piso no Camarim, destruído pelo incêndio, utilizando-se táboas de Pau d'Arco; grades de proteção nas escadas.

Esses trabalhos abrangeram, na verdade, todo o ambiente interno e externo do monumento, tanto no térreo como no andar superior.

As obras não constituiram, apenas, na restauração de elementos danificados ou descaracterizados, como na perfeita garantia de estabilidade dos diversos elementos. São o coroamento — e que coroamento! — de outras distantes obras realizadas parcialmente em vários períodos, desde 1971, ano do incêndio que tanto agravou o monumento.

É um novo edifício que surge, com toda a sua graça e beleza, com toda a sua seriedade e prestígio.

As obras de restauração da Igreja da Madre de Deus, que ultrapassaram os Cr\$ 100.000.000,00, foram levadas a bom termo, numa atmosfera de vivo entusiasmo. A cada momento, a alegria de um problema resolvido; a cada momento, o desafio de uma dificuldade vencida sem demora, sob pena da desorganização do cronograma das obras. É a beleza de, a cada momento, o templo voltar à sua antiga dignidade, ganhando aquele aspecto que, certamente, comoveu e envidou Antônio Fernandes de Matos, ao contemplar o templo naquele remoto 1720, quando, terminada a construção, era o prédio entregue ao culto.

A mesma alegria anima, agora, aqueles que, terminado o estafante trabalho, contemplam a velha Igreja restaurada. Meses de esforços, cancelas e dificuldades, sobejamente compensados quando, mais uma vez, abre-se a Igreja ao culto, revitalizada em todos os seus detalhes, com a preocupação de se fazer o melhor, uma tradição desde os saudosos tempos de Rodrigo Melo Franco de Andrade, mantida, com vivo entusiasmo, pelo atual Secretário de Cultura, professor Marcos Vinícius Vilaça.

O Diretor Regional, professor Ayrton de Almeida Carvalho, terminados os trabalhos, agradece a todos que deram uma achega — por pequena que fosse — para a realização de uma das mais complexas obras de restauração realizada no país.



Forro do Altar Mor